

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA**

GUILHERME DE PÁDUA CUNHA CORRÊA

ATEMPORALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE E SEUS EFEITOS NO

SUJEITO:

Um estudo a partir da psicanálise.

São Luís

2019

GUILHERME DE PÁDUA CUNHA CORRÊA

**ATEMPORALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE E SEUS EFEITOS NO
SUJEITO:**

Um estudo a partir da psicanálise.

Monografia apresentada como um dos requisitos para obtenção de grau do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão- UFMA.

Orientadora: Prof.^a Dra. Julia Maciel Soares Vasques

São Luís
2019

Corrêa, Guilherme de Pádua.

A TEMPORALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE E SEUS EFEITOS NO SUJEITO : Um estudo a partir da psicanálise / Guilherme de Pádua Corrêa. - 2019.

55 p.

Orientador(a): Julia Vasques.

Monografia (Graduação) - Curso de Psicologia,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

1. Psicanálise. 2. Social. 3. Sujeito. 4.
Temporalidade. I. Vasques, Julia. II. Título.

GUILHERME DE PÁDUA CUNHA CORRÊA

**ATEMPORALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE E SEUS EFEITOS NO
SUJEITO:**

Um estudo a partir da psicanálise.

Monografia apresentada como um dos
requisitos para obtenção de grau do
Curso de Psicologia da Universidade
Federal do Maranhão- UFMA

São Luís, _____ de _____ de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr.^a Julia Maciel Soares Vasques

Prof. Dr. Jean Marlos
UFMA

Prof. Me. Willian Amorim de Sousa
IFMA

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha esposa e a minha família que me ajudaram a terminar este projeto, minha analista que me escutou para o término deste trabalho e minha orientadora que teve muita paciência com todo o percurso do trabalho.

O tempo é vida.

RESUMO

Recentemente, podemos perceber que o tempo na sociedade vem mudando a forma do sujeito viver. Com essa dinâmica mudando, podemos ver que o sujeito acaba por também se construir de outra forma. Vemos então uma sociedade que não mais dá tempo ao sujeito para que o mesmo seja escutado, nem mesmo socorrido em seu sofrimento. Este trabalho vai colocar em questão sobre como essa dinâmica de tempo irá trazer novas formas de organização social e das consequências destas na vida de cada um quando formamos nossa singularidade. Também discutiremos sobre a importância da temporalidade no aparelho psíquico - usando o referencial do discurso da psicanálise - trabalhando elementos temporais do aparelho. A partir disto, iremos fazer uma discussão sobre como a sociedade disponibiliza o tempo ao sujeito e, por fim, as consequências na vida do sujeito causado por essa disponibilidade.

Palavras-chave: Psicanálise, temporalidade, social, sujeito.

ABSTRACT

Recently, we can see that time in society has been changing the way the subject lives. With this dynamic changing, it may be seen that the subject also ends up forming in another way. Then, we can see a society that is no longer gives time to the subject to be heard, not even rescued in its scope. This work is questioning how this dynamic of time will bring new forms of social organization and the consequences of these in the life of each one when we form our singularity. We will also discuss the importance of temporality in the psychic apparatus - using the reference of psychoanalysis discourse - working on temporal elements apparatus. From this, we will make a discussion about how society makes time available to the subject and, finally, the consequences in the life of the subject caused by this availability.

Keywords: Psychoanalysis, time, social, subject.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. OBJETIVOS	16
2.1 Objetivo geral	16
2.2 Objetivos específicos	16
3. METODOLOGIA	17
4. SOBRE A TEMPORALIDADE NO SUJEITO: Constituição e subjetividade	18
4.1 temporalidade no aparelho psíquico	18
4.2 Falando sobre o sujeito em psicanálise	26
4.3 O tempo lógico em Lacan	29
4.4 Construção de uma subjetividade a partir da temporalidade no sujeito	31
5. SITUAÇÃO SOCIAL ATUAL: A disponibilidade de tempo para o sujeito.	33
6. DISPONIBILIDADE DE TEMPO E DISCURSOS NORMATIZADOTES: Consequências no sujeito.	40
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
8. REFERÊNCIAS	52

1. INTRODUÇÃO

O tempo¹ sempre foi objeto de estudo de vários campos do saber, que buscam pensar a dimensão da sua relação com a vida do ser humano de forma que podemos sentir a passagem do tempo, no entanto, não de forma palpável. Apesar disso, sua passagem ainda é mensurável, visto que existem dias, semanas, meses e anos e ao mesmo tempo, infinito, incomensurável, que remete a como cada um entende essa passagem de tempo que temos nessa terra, a vida. Silva (2008, p.69) ainda diz que "de fato o tempo não nos pertence, ou seja, o que fazemos é uma tentativa de cronometrar o tempo, damos a ele uma significação, mas não podemos torná-lo concreto".

Assim, se o tempo está presente na passagem de vida do sujeito, poderemos começar em nosso trabalho apontando a importância do tempo na constituição da subjetividade do sujeito do inconsciente o que nos levará a uma construção de algo que lhe posso ser mais singular, posteriormente.

Quando nos remetemos à subjetividade, citamos Torean e Aguiar (2011) quando afirmam que em psicanálise, os sistemas pré-conscientes/consciência e inconsciente são normalmente tomados como a própria subjetividade, sendo que para Freud, o Inconsciente é o que genuinamente constitui a subjetividade.

Os Autores (2011) também dizem que tanto a noção de subjetividade como a noção de sujeito são compostas por duas regiões que não devem se desmembrar, o campo pulsional e o aparelho psíquico. Sobre campo pulsional, Torean e Aguiar(2011) afirmam que o inconsciente é formado pelos representantes pulsionais e Lacan formulará sobre o campo pulsional e o inconsciente afirmando: "o inconsciente não é objetivado, localizável (...) é pura potência (representação coisa) para o dizer (articulação entre a representação de coisa e representação de palavra)" (Torean e Aguiar(2011) *apud* Lacan 1964/1988 p. 534).

Com estas afirmações, poderemos então constatar que a subjetividade seria a união do aparelho psíquico com o campo pulsional em movimento no mesmo o qual se articula de significante para significante através relações pré-existentes ao

¹ Quando usarmos a palavra "tempo" em nosso trabalho, esta será usada para abranger o tempo cronológico sem levar em conta a passagem de tempo lógico (que será discutido posteriormente). Quando estivermos falando de uma passagem de tempo que remeta à subjetividade, estaremos nos referindo uma temporalidade psíquica.

nascimento, a linguagem. Desta forma, é a ordem simbólica que, a partir de Freud e após as construções de Lacan, vai dar base para uma construção da subjetividade. Com este tempo que cada um vive sua vida, podemos nos remeter a dois elementos constituintes da subjetividade do sujeito: um marco inicial, também chamado por Castro(2008) de marco zero, e uma ordem social, citada por Torezan e Aguiar(2011), a qual é anterior ao sujeito, de forma que o mesmo seja inserido nesta ordem através da linguagem e da família. Essa ordem é descrita pelos autores como um sistema de relações baseados em significantes, leis de linguagem.

No trabalho também descrevemos, com a ajuda de Bauman (2001), como esta ordem social ensina o sujeito a se submeter à mesma às leis que organizam o social e também sobre como o social irá organizar a forma de usar o tempo. Tomaremos como marco inicial no aparelho psíquico um momento onde nos daremos conta de que um sujeito esteve constituído em algum lugar no inconsciente a partir de uma marca psíquica registrada pela linguagem, o primeiro momento, que será onde o sujeito poderá advir/emergir.

Para Barros (2013, p.20), o tempo é "necessariamente humano", entretanto, o autor diz que existe "o tempo dos físicos ou dos astrônomos"; dos geólogos que observam duração de um fenômeno; dos historiadores, que observam aquilo "que tocado pelo homem, se transformou", sendo necessariamente de natureza coletiva e o tempo psicológico, que por sua vez é voltado para o ser humano. Nesta incerteza sobre do que se trata o tempo para o ser humano, há de se concordar com Silva, quando cita Agostinho, que diz que o tempo é uma concepção psicológica pois o tempo não existe, ele vai se esvaziando em nossas mãos (AGOSTINHO, 2000 *apud* SILVA,2008, p.69) nos mostrando que até mesmo no tempo cronológico se mostra como uma contagem psíquica, a medição do tempo é algo que fazendo baseado em eventos naturais, mas não é algo concreto.

Por estas razões, há algum tempo questiono-me sobre as implicações da forma de usar o tempo e suas consequências na construção da subjetividade. Em determinado momento de movimentação social atual, percebe-se que o tempo e sua dinâmica não estão simplesmente postos apenas como questão particular, mas está a movimentar e organizar a sociedade ditando como o sujeito deve usar ou não seu tempo. Também começo a questionar, a partir deste trabalho, qual é a noção de tempo psíquico que existe elaborada (ou a ser elaborada) na teoria da psicanálise e a partir de que leituras são feitas essas elaborações.

Como falamos da organização social como um dos elementos que constituem o sujeito, podemos então acrescentar em nosso trabalho que uma das formas de que a organização social normatiza o sujeito e suas escolhas é manipulando como o discurso social (MELMAN 2008) é propagado para ensinar a forma de usar seu tempo e de como o “tempo real”(CHEMAMA 2007),o qual seria o tempo dos traders, tempo do aqui e agora da bolsa de valores que passa informação na velocidade de um click, irá tomar parte de sua vida ou ao menos, comandar como o sujeito deve se relacionar com seu trabalho.

Temos, assim, falando sobre a manipulação do sujeito pela sociedade, uma organização social que visa controlar o sujeito, como Melman (2008, pg.38) mesmo nos mostra falando de um “fascismo voluntário”. Aqui, Melman (2008) nos alerta de como o discurso de politicamente correto, discurso que vai listar um conjunto de comportamentos adequados e aceitos para um bom cidadão e vai manipular o sujeito ao ponto dele mesmo escolher o que está socialmente aceitável em vez de escolher algo que acredite ser melhor para si. Desta forma, podemos nos basear no autor quando afirmamos existe um controle social, que por vezes é feito por leis e por vezes é feito através da propagação de um discurso que tenta encaixar o sujeito no que é aceitável para o bom cidadão.

Além do discurso sobre o politicamente correto, uma das ferramentas que a sociedade usa para se organizar ou controlar o sujeito seria a disposição do tempo que a sociedade dá ao sujeito. Sobre isso, citamos Chemama (2007) quando o mesmo fala em uma onipresença na sociedade de um discurso sobre um “tempo real” (pg. 37). Esta forma de tempo é apresentada aos sujeitos, visto que é uma forma de entender o tempo que o meio econômico usa, acaba por orientar o mercado e os sujeitos abaixo do mercado, os sujeitos que trabalham. Desta forma, quando o mercado dita como o tempo deve correr, o sujeito, que passa em média 8 horas por dia trabalhando no Brasil por exemplo, acaba por absorver essa forma de organização do tempo, uma vez que usa aproximadamente 8 horas para dormir, e outras 16 horas para a vida de vigília, ou seja, aproximadamente metade de sua vida acordado está sendo bombardeado com informações sobre trabalho ou comércio.

Nesta sociedade desorganizada e sem limites e com uma autoridade que está em falta (MELMAN,2008, p. 25), surgem muitos questionamentos, mas uma das nossas principais questões seria como o sujeito tem construído algo que lhe seja singular em sua subjetividade a partir do tempo que a sociedade dispõe e das

condições sócio-político-econômicas que se encontra. Melman(2008) ainda aponta que o sujeito se encontrará perdido pela falta de referência que estabelecia limites e, agora segundo Bauman(2016), o sujeito não terá mais um modelo para lhe guiar para um futuro com objetivos. Se não há limites, também não existe limite para o tempo que o sujeito pode gastar, ou não existe algo que possa o orientar sobre como usar seu tempo com sua própria vida que diga algo que lhe seja mais inerente ao sujeito, que lhe remeta a algo singular em sua subjetividade.

Essa questão nos faz pensar sobre vários fatores constituintes do sujeito, de sua subjetividade e de como a sociedade se organiza ao redor do sujeito. Esta mesma sociedade a qual irá produzir discursos sobre como o tempo deve ser usado, afetando/normatizando como o sujeito constrói algo que lhe seja singular em sua subjetividade, quando entendemos que passar pelo tempo lógico(LACAN, 1945),pelo tempo para ver, elaborar e concluir é uma das formas que o sujeito constrói sua identidade abrindo a possibilidade para a construção de sua subjetividade.

Sobre as constituições do sujeito e da subjetividade, entendemos que o tempo será essencial na constituição dos mesmos. Logo, acompanhamos Freud(1924) desde seus primeiros trabalhos sobre a constituição do psiquismo, tendo o complexo de Édipo como uma das etapas por exemplo, e verificamos que existem fases que acontecem em um tempo próprio do aparelho psíquico que é independente de horas e minutos, mas que também são acompanhadas de um tempo real, um tempo cronológico que seria a hora que passa, de forma que o próprio corpo sente a mudança de temporalidade, envelhecemos, e nos deterioramos conforme o cronológico se esvai de nossas vidas. Lacan (1945) faz elaborações sobre o tempo lógico o qual faz parte da organização psíquica do sujeito que falaremos mais no decorrer do trabalho.

Sobre o tempo lógico, Lacan (1945) explana sobre como o sujeito entenderá aquilo que já está dado em um tempo anterior. Para que esse sujeito possa entender os fatos que estão na realidade ou lidar com a própria existência, o tempo lógico - este que não depende de horas para que a organização psíquica sobre um fato aconteça e sim do próprio tempo do sujeito- deve passar. Esse tempo lógico vai nos contar sobre como o sujeito se constitui a partir das relações com seu mundo e sua realidade psíquica, será uma parte essencial a qualquer constituição de algo singular no sujeito. Apesar disso, o tempo cronológico deve passar e a

sociedade, que tanto o preza, irá dispor de cada segundo de acordo com o que lhe é conveniente à própria organização. Aqui, entenderemos que, como foi dito antes, a sociedade irá dispor de uma ordem pré-elaborada sobre como o sujeito irá usar seu tempo com suas ações, sendo singular ou não, sendo mecanizado ou não. Roudinesco (2000) nos dá suporte a essa ideia quando fala sobre o homem comportamental: “inscrita no movimento de uma globalização econômica que transforma os homens em objetos, a sociedade depressiva não quer mais ouvir falar de culpa, nem de sentido íntimo, [...]nem de desejo nem de inconsciente”. A autora ainda continua falando de que a sociedade só se interessa pelo individual (Roudinesco 2000), este sujeito que para a ciência é sem inconsciente e sem profundidade, de forma que nos mostra o quanto a falta de algo que lhe possa ser singular é algo que a sociedade atual capitalista se empenha em manter longe do sujeito.

Percebemos assim que existem muitos fatores, como as próprias experiências na vida do sujeito, que irão fornecer as condições para o sujeito construir algo que lhe seja singular em sua subjetividade e uma delas é a forma que o sujeito lida com o tempo - este que seria uma das matrizes ou origens do movimento psíquico - já que quando falamos de tempo no psiquismo, no remetemos a algumas construções de Freud(1900) sobre a temporalidade psíquica onde o autor coloca a temporalidade como a forma do aparelho direcionar os investimentos de energia e também coloca o retorno a momentos anteriores, retorno da temporalidade psíquica como fatores constituintes de instâncias psíquicas(1912b).. Para nos dar apoio sobre nossas afirmações as quais temporalidade psíquica é aquela que direciona a construção do aparelho, citamos Porge(1998) quando nos explica que não existe subjetividade antes de uma construção linguística que possa comparecer como marca no aparelho psíquico. Isso implica na existência de um primeiro momento no aparelho psíquico em que a subjetividade começa. Esse ponto de partida do aparelho não é tangível, mas deve ser afirmado como existente visto Freud(1900) mesmo coloca uma sequência temporal para que os sistemas sejam atravessados por uma excitação. Se levarmos em consideração que a linguagem é o que dá estrutura ao inconsciente e é a partir da memória que a linguagem pode ser aprendida e apreendida, entendemos que a memória também é uma das bases para o inconsciente.

Com isso podemos nos perguntar: qual a importância do tempo na constituição da subjetividade do sujeito? Assim, talvez seja possível refletir, a partir do referencial psicanalítico e das contribuições das ciências sociais, alguns aspectos da sociedade e sua organização temporal², os efeitos na constituição da subjetividade do sujeito e as consequências da dinâmica social atual a partir de uma revisão bibliográfica.

Este trabalho tem como objetivo discutir os efeitos da passagem de tempo na constituição da subjetividade do sujeito. Como objetivo adjacente, estudaremos a situação social atual e quais os discursos sobre o uso do tempo se encontram atualmente propagados na sociedade. Outro objetivo adjacente é debater sobre algumas consequências dessa dinâmica social na constituição da subjetividade do sujeito. Aqui, trabalharemos 3 capítulos: o primeiro capítulo irá discorrer sobre aspectos específicos da constituição do sujeito que tem como fator constituinte a passagem de tempo própria de um psiquismo nos levando à constituição da subjetividade a partir da temporalidade psíquica. Para que possamos investigar as consequências da passagem de tempo, tanto cronológica como lógica (Lacan 1945), iremos analisar alguns fatores sociais que influenciam a constituição da subjetividade. Para finalizar, iremos discorrer sobre algumas consequências diretas na vida do sujeito causadas pelo uso do tempo, tanto lógico como cronológico, o qual é influenciado pela organização temporal da sociedade.

² Quando nos referirmos à organização temporal da sociedade, estaremos nos referindo de como a sociedade constrói seus discursos sociais sobre como os sujeitos devem usar seu tempo e/ou em como os locais sociais, os quais o sujeito interage e vive diretamente com outro sujeito, devem estabelecer o uso do tempo neste ambiente(ambiente de trabalho, igreja, roda de amigos, etc...)

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Defender a importância da temporalidade na vida do sujeito.

2.2 Objetivos específicos

Demonstrar como a temporalidade se apresenta no aparelho psíquico. Reunir material sobre temporalidade psíquica em psicanálise. Analisar como a sociedade vem organizando a própria temporalidade. Investigar as consequências desta temporalidade social na vida do sujeito.

.

3. METODOLOGIA

Foi utilizado o método de pesquisa exploratória através revisão bibliográfica com a finalidade de defender importância da temporalidade na vida dos sujeitos, partindo de uma revisão composta por autores da psicanálise de das ciências sociais. A finalidade é produzir um trabalho que tenha um conteúdo mais direto sobre a temporalidade psíquica dentro da psicanálise.

Para isso, a pesquisa será baseada em estudos de autores, como por exemplo Sigmund Freud, Jacques Lacan, Zygmunt Bauman, Charles Melman, Roland Chemama, Maria Rita Khel, entre outros autores que trabalham a temporalidade na psicanálise.

O estudo terá caráter qualitativo, com ênfase no estudo dos livros e textos.

4. SOBRE A TEMPORALIDADE NO SUJEITO: Constituição e subjetividade.

Um dos objetivos do trabalho é apresentar as influências na vida do sujeito de como a sociedade organiza sua própria temporalidade e como o sujeito tem construído sua singularidade³. No entanto, para que possamos chegar nessas consequências, precisaremos nos discorrer sobre que sujeito estamos nos referindo e como este vem se construindo atualmente.

Para que possamos entender a temporalidade no sujeito, primeiro precisamos entender o que é temporalidade em psicanálise, visto que o conceito não é bem definido teoricamente. Começaremos demonstrando a existência da temporalidade no aparelho psíquico usando a psicanálise como referência.

4.1 temporalidade no aparelho psíquico

Quando nos adentramos aos estudos de Freud sobre o psiquismo com o projeto, devemos entender que o autor usa a temporalidade em diversos momentos de sua obra sem, contudo, mencionar diretamente a temporalidade psíquica. Um dos primeiros momentos que podemos perceber a referência a um ponto de partida para a temporalidade psíquica, mas não sua menção, é quando o autor em seu projeto(1895) trabalha a noção de neurônios ψ .

Os neurônios ψ poderão reter uma marca permanente constituindo a memória quando diz que “esses neurônios ficam permanentemente alterados pela passagem de excitação” (FREUD, 1895a, p. 352) e que em seguida irá explicar sobre como as barreiras de contato iram facilitar a passagem de excitação de um neurônio para outro. Desta forma, “a memória está representada pelas facilitações existentes entre os neurônios ψ ” (FREUD, 1895a, p. 352) nos mostrando a importância das marcas deixadas pela passagem da excitação pelos neurônios.

Ainda em 1895a, Freud fala sobre marcas constituintes do aparelho psíquico, a memória, teorizando sobre neurônios diferenciados, os ϕ (phi) como os receptores da estimulação externa sem registro e os ψ (psi) que fazem barreira à estimulação e ficam permanentemente modificados após a passagem da mesma,

³ Entendemos por singularidade isso que remete à posição subjetiva particular de cada sujeito conforme tratado por Khel(2015)

permitindo que a marca se estabeleça e que a memória se constitua. Falando sobre a temporalidade constituinte das marcas que compõem o aparelho, Garcia-Roza nos explica sobre os neurônios anteriormente citados e diz sobre outro tipo de neurônio, os ω :

Assim os neurônios ω não são capazes de receber Q(energia psíquica), o que eles recebem, é uma temporalidade ou um período de excitação que lhes possibilita uma carga mínima de Q necessária pra a consciência.(1984).

Temos assim uma marca facilitadora que dá início à memória. A importância do começo deste texto de Freud para nosso trabalho consiste em entender que para que haja uma temporalidade psíquica, precisaremos estabelecer um marco inicial no aparelho psíquico marcado como memória para que exista um retorno e que acharemos fundamentos para a temporalidade psíquica nos próprios escritos de psicanálise. Essas hipóteses sobre o retorno como aquilo que constitui a temporalidade do psiquismo serão trabalhadas mais adiante.

Ainda em 1895, Freud já começa a trabalhar a teoria neuronal tornando a memória o início dos processos psíquicos em geral: “existem neurônios permeáveis(...)destinados à percepção e impermeáveis(...), que são portadores da memória e, com isso, provavelmente também dos processos psíquicos em geral”(FREUD, 1895a, p. 352). Aqui, podemos entender como Freud começa a construir uma teoria do aparelho psíquico baseado na retenção de informação, retenção esta que se faz a partir das marcas neuronais nos dando base para falar sobre um início da temporalidade no aparelho psíquico. Neste ponto, podemos ver que Freud dará seus primeiros passos em direção a um início de temporalidade própria do aparelho a qual não dependerá da cronologia. No entanto, poderemos perceber um início do movimento das informações no aparelho psíquico. Entendemos assim que todos os processos, sistemas, direções dentro do aparelho psíquico terão um início que será uma primeira marca registrada no aparelho, uma memória psíquica que não necessariamente seja consciente, mas será uma inscrição de informação no inconsciente.

Também podemos perceber a temporalidade psíquica em Freud(1895b) quando o autor fala de como o sujeito sente os efeitos de uma lembrança que fora esquecida e retorna a posteriori sofrendo condensação e voltando mais forte ainda formando sintomas. Em 1985, Freud começa a perceber em seus trabalhos sobre passagem de tempo que implica em constituição no aparelho psíquico quando em

seu estudo de Emma (FREUD, 1895b) percebe que existe um tempo primeiro, uma marca, que acontece o trauma e um depois que ele recebe algum tipo de significado. O autor percebe que o que causa o sintoma não é formado pela experiência atual relatada, mas um momento anterior sem significação que se une ao momento presente. O primeiro momento geralmente vem da infância onde o sujeito não tem capacidade linguística para simbolizar a experiência vivida.

Mais tarde, o sujeito vive algo que remeta *a posteriori* aquilo que foi primeiramente vivido, desta vez com algum tipo de significado. André (2008) diz que Freud irá sair das representações convencionais de tempo seguindo a relação causa e efeito, criando assim uma abertura para que possamos entender como o inconsciente não segue um fluxo retilíneo de tempo cronológico em sua constituição. Assim, podemos logicamente concluir que se o fluxo temporal não é retilíneo, existe um fluxo temporal.

Entendemos de fato que uma marca no aparelho psíquico pode comparecer posteriormente com a mesma força de quando a experiência foi vivida, sendo assim, não existe um tempo cronológico específico que é determinado pelo local da marca no aparelho psíquico, nesse sentido, por não ter um fluxo retilíneo de tempo, o aparelho poderia ser chamado de “não retilíneo” em vez de atemporal.

No entanto, se “a” na palavra “atemporal” representa a negação, seria impreciso- negando que exista um tempo no inconsciente- afirmar que o inconsciente seja atemporal de acordo com alguns autores da psicanálise (MIJOLLA, 2005) e pelo próprio Freud (1915a). Por mais que não exista uma passagem de tempo cronológica dentro do aparelho psíquico como já apontado por Freud, existe de fato uma passagem de tempo que remete a um tempo que não se pode contar em segundos e um tempo lógico que organiza a construção de uma subjetividade.

Contudo, se levarmos em conta que “a” é a negação do próprio inconsciente à passagem de tempo dentro do funcionamento do aparelho psíquico, então a nomenclatura de inconsciente atemporal seria apropriada, visto que no inconsciente não irá existir a passagem do tempo

Continuando com as hipóteses sobre memória como um fator constituinte no psiquismo influenciada pela passagem de tempo, podemos averiguar em Freud, que, em seus estudos sobre a histeria (1895b, p.40), o autor aponta para um momento inicial, um traço na memória, o trauma. Essa marca seria constantemente revivida através do sintoma nas histéricas, sendo assim o próprio sintoma um

retorno –em um momento atual do sujeito - ao tempo original do trauma. Freud afirma que na histeria traumática, a histérica rememora “o mesmo evento que provocou o primeiro deles (ataque histérico)”(p. 40) nos indicando que um momento passado não tem o peso de somente de uma experiência no passado- mais uma vez apontando para uma negativa de uma temporalidade cronológica no aparelho psíquico- contudo, não nos indicando uma falta de passagem de tempo.

Levando em consideração que a histeria é apenas uma das formas de neurose, no retorno do estudo sobre Freud com Lacan, poderemos então afirmar que a memória seria um retorno a um tempo anterior sendo um dos fatores constitutivos do aparelho psíquico, portanto, também do inconsciente.

Assim, podemos perceber que o inconsciente nega a passagem cronológica, pois está constantemente se reciclando, remontando algo do passado no presente, justamente por construir as marcas que serão as bases para que a subjetividade do sujeito possa se constituir. A passagem de tempo não será marcada como um momento específico no inconsciente de forma que podemos entender a atemporalidade (FREUD, 1915a) no aparelho psíquico como uma impossibilidade de registro de uma experiência que esteja limitada a somente um tempo, que seja passado ou presente.

No entanto, Freud(1915a) em um de seus textos coloca sobre uma atemporalidade do inconsciente e isso nos fez questão. Nossa questão cai sobre a incoerência do atemporal em 1915 e todos os outros fatores que demonstramos anteriormente.

Em seus estudos sobre a histeria, Freud (1895a) já colocava como evidente que as histéricas apresentavam seus sintomas já como um retorno ao tempo anterior – as marcas - das crises histéricas que não tiveram uma possibilidade de verbalização. Podemos entender que a palavra também não possuiria uma temporalidade cronológica, esta sim poderia ser nomeada como atemporal - por ser um registro, uma marca no inconsciente - por não ter fluxo temporal na marca, de forma que possua um movimento contínuo do passado para o presente e do presente ao passado. A palavra assim teria o peso que adquiriu quando se estabeleceu como significante para o sujeito no passado, mesmo sendo dita novamente no presente quando ressurgir.

Como a excitação não segue um fluxo retilíneo de acordo com Freud(1900), logicamente entendemos que um fluxo exista, o próprio Freud diz que

as excitações atravessam os sistemas numa dada sequência temporal. Partindo desses estudos, entendemos que ela está no aparelho psíquico, tem um início, que seria o registro das informações como o texto a ser lido e/ou como linguagem, e uma direção.

Entendendo que o aparelho siga uma sequência temporal (FREUD, 1900), tomaremos a memória, esse registro de informação no aparelho psíquico que pode ser tanto consciente como inconsciente, como por onde começam a direção e o sentido da energia psíquica, já que os trabalhos de Freud são baseados na retenção de informação pelo aparelho psíquico. Quando falamos em retenção de informação nos referimos ao momento em que Freud(1895b) começa seu trabalho questionando sobre a causalidade da histeria, visto que para o autor é claro que exista algo entre o biológico e o psíquico. Esses estudos sobre a histeria iram começar pelos relatos das experiências que causaram o trauma, ou seja, pelo armazenamento de algum material que iria criar o trauma. Temos aqui nossos primeiros indícios de um aparelho psíquico estudado por Freud como um aparelho de memória.

Sendo assim, para Freud, a memória seria uma das bases da constituição do aparelho psíquico e para corroborar com nossa opinião, citamos Ferrari e Magalhães (2014) que dizem que a percepção freudiana do aparelho psíquico tem como seu pressuposto central a crença no papel organizador da memória, de forma que podemos confirmar nossas pressuposições sobre a importância da memória na constituição psíquica.

Os autores(2014) ainda afirmam que a leitura do aparelho psíquico como aparelho de memória e de linguagem é apoiada por diversos autores, sendo que é possível entender essa constatação partindo do princípio de que o aparelho é formado por traços mnêmicos que são organizados no aparelho como textos a serem decodificados, “frutos de uma escrita que se faz na condição de reminiscência” (p. 118). Ainda falando sobre definição de memória, irão explicar que:

O sistema mnêmico [...] possui memória e transforma as excitações momentâneas em traços permanentes. A memória é a função que se relaciona com esses traços mnêmicos, que são modificações permanentes dos elementos dos sistemas. Estes são responsáveis por registrar e manter as associações, pois as percepções estão mutuamente ligadas na memória, podendo tornar-se conscientes, mas que produzem seus efeitos quando em estado inconsciente (FERRARI; MAGALHÃES,2014, p.112).

O próprio Freud(1900) já mostra o sonho com um texto a ser lido quando é relatado nos dando o sinal de que o aparelho psíquico é estruturado como linguagem a ser registrada em forma de imagens, já que estende a dimensão de texto a ser lido a outras instâncias do aparelho psíquico nos dando a abertura para que não somente os sonhos sejam como texto, mas todas as instâncias e sistemas do aparelho assim o sejam. Lacan dará continuidade posteriormente a essas formulações sobre as estruturas linguísticas do inconsciente.

Posto que a memória funciona como o marco do início do tempo psíquico em operações simbólicas, podemos entender que o presente e passado aqui não estão psiquicamente separados, vivências passadas são remontadas constantemente através da repetição de forma que não exista precisão cronológica no aparelho, por mais que exista um tempo psíquico. O próprio Freud nos dá a base para esta afirmação quando em 1900 fala que no sonho existe a regressão, que seria quando a direção do fluxo de energia no aparelho se inverte, voltando a uma realização de um desejo anteriormente registrado, normalmente um desejo infantil.

Logo, o que percebemos com nossos estudos é que não existe uma causalidade linear de qualquer manifestação psíquica de forma que, na memória, o registro do passado e do presente não tem um momento específico com uma marca temporal precisa. Consequentemente, essas marcas de passado e presente podem se mesclar a qualquer momento já que existe uma temporalidade psíquica nos mostrando o aspecto atemporal da própria palavra em vez da atemporalidade do próprio psiquismo. A palavra, aqui, tem o mesmo peso de quando teve no passado de forma que podemos entender que a palavra não tem temporalidade, por mais que exista um tempo próprio do aparelho psíquico.

Então, quando a palavra ressurgir, ela é repetida. Quando falamos de repetição da palavra, abrimos caminho para outro sistema que está baseada no tempo psíquico, a repetição. Podemos observar que a neurose não deixa de ser uma manifestação inconsciente da luta do aparelho psíquico para manter o estado anterior das coisas, como dito por Freud (1900), um estado de menor tensão possível já antes citado, tornando assim a vida uma repetição de um tempo de excitação mínima. Portanto, constatamos que a repetição seria uma forma de lidar com uma organização de um tempo psíquico que o sujeito retoma o momento de tensão mínima.

Freud (1912b) já falava sobre as memórias que são reproduzidas não como pensamento, mas em ato, essa seria a repetição. Neste momento em que Freud analisava a repetição em conjunto com a técnica, este contrapôs o tratamento hipnótico à nova forma de tratar o paciente com a associação livre. Sobre a repetição, o autor diz que:

Sob a nova técnica, muito pouco, e com frequência nada resta deste deliciosamente calmo curso de acontecimentos. Há certos casos que se comportam como aqueles sob a técnica hipnótica até certo ponto e só mais tarde deixam de fazê-lo, mas outros se conduzem diferentemente desde o início. Se nos limitarmos a este segundo tipo, a fim de salientar a diferença, podemos dizer que o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e recalçou, mas o expressa pela atuação ou o atua (acts it out). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber que o está repetindo (FREUD, 1914, p.195).

A repetição aqui vai substituir o recordar de um tempo passado, de forma que possamos reafirmar a importância da sequência temporal do aparelho psíquico e, para que certas instâncias funcionem, será necessário que uma temporalidade própria do aparelho psíquico tenha um fluxo, o qual pode ser revertido como acontece na regressão. A repetição seria assim uma possibilidade de movimento do sujeito em torno de um tempo anterior.

Poderemos então aqui perceber, que essas repetições são a atualização do passado esquecido vivido no presente. Também assumimos, a partir do que estudamos, que a repetição é uma ação em que o sujeito não teve a oportunidade de significar ou não teve sua passagem para a consciência aceita pelo Eu. Aqui a informação foi extirpada, sofrendo deslocamento (FREUD, 1900). Essa quantidade de energia provinda dos desejos inconscientes irá se dirigir por deslocamento para outras instâncias do aparelho e assim irão formar os sintomas.

Continuando a discorrer sobre a repetição como um retorno ao tempo anterior e sobre o como o sujeito organiza e se constitui a partir do próprio tempo psíquico, a repetição está lutando contra um conteúdo previamente recalçado, isso significa que quanto maior a resistência do sujeito a uma memória, maior será a repetição de um momento anterior (Freud, 1914).

Podemos aqui presumir sobre a formação da repetição no aparelho psíquico. Existe então a repetição que mencionamos anteriormente, a que é a extirpação do momento em que o sujeito possa dar algum significado para o momento que vive. Em segundo lugar, percebemos junto aos textos de Freud (1914)

que outra forma de repetição seria uma ligação de uma carga de afeto com uma lembrança com determinada ação. Essa carga é desligada do traço mnêmico, mas ligado a uma ação que o sujeito teve condições de realizar no momento que a marca no aparelho psíquico ocorre. Desta forma, podemos perceber a repetição como um banimento da consciência de um traço mnêmico que não poderia ser aceita pelo Eu no momento que aconteceu (Freud, 1915c). Essas marcas recalçadas se atualizam na vivência do sujeito e sempre irão comparecer no trabalho de análise onde o paciente irá repetir suas relações e atos com o analista. Aqui, a repetição irá se transformar em transferência.

Sobre essa transformação da repetição em transferência, Freud (1912a), em seu trabalho sobre a dinâmica da transferência, irá nos explicar sobre como irá acontecer a transferência, quando nos diz que cada indivíduo consegue construir uma forma específica de conduzir a vida erótica em seus primeiros anos de vida. Essa forma de conduzir a vida erótica nada mais é que uma predisposição para seguir estereótipos estabelecidos para satisfazer suas pulsões e/ou se atrair por outras pessoas. Esse estereótipo é constantemente reimpresso e repetido no decorrer da vida dos sujeitos, à medida que os objetos amorosos se tornam acessíveis, sendo não inteiramente incapaz de serem mudados. Aqui os padrões estabelecidos são constantemente repetidos de pessoa para pessoa nos mostrando que a transferência seria então uma forma de repetição.

Para finalizar a discussão sobre a temporalidade no aparelho psíquico na psicanálise, a transferência poderá ser ligada ao esquecimento. Freud (1914, p.166) dirá que “a transferência é uma repetição do passado esquecido”. Aqui vemos como o sujeito passa o tempo de sua vida repetindo uma marca anterior de um passado recalçado. Vive sua vida com a transferência de pessoa para pessoa sem saber de uma marca anterior a esta repetição mantém a ação justamente por ser uma marca banida da consciência ou não elaborada.

Tendo em vista a presença no aparelho psíquico da temporalidade como um dos fatores constituintes da subjetividade poderemos refletir sobre a constituição do sujeito afirmando, baseado no que já foi explicitado anteriormente, o sujeito vai se constituir a partir de uma temporalidade psíquica que irá dar uma direção ao desenvolvimento/constituição do aparelho psíquico e conseqüentemente da subjetividade. Esta temporalidade, que em verdade são passado e presente unidos, são movimento constante na vida do sujeito um fluxo temporal necessária no

psiquismo para que aconteça o registro do simbólico no aparelho psíquico, haja vista que já mostramos vários pontos de Freud que corroboram com nossa tese quando defendemos que a temporalidade é um fator que organiza o psiquismo.

Agora que apontamos para a existência da temporalidade no aparelho psíquico nos textos de Freud, faremos uma breve explanação sobre o sujeito na psicanálise. Na medida que possamos debater as consequências no sujeito da organização social atual, precisaremos saber de que sujeito estamos nos referindo.

A partir da leitura de alguns autores contemporâneos da psicanálise (MELMAN 2008, CHEMAMA, 2004, ROUDINESCO 2000, LEBRUN 2004), entendemos que para que exista um advento do sujeito, uma passagem ou expressão de um sujeito inconsciente deve se fazer manifesta através da fala, e para que isso aconteça, o tempo de cada sujeito deve ser respeitado. Isto significa que o sujeito deve ter um espaço para a fala e um tempo para que a mesma aconteça (MELMAN, 2008). Falaremos agora do que se trata o sujeito, visto que essa abordagem é condizente com nossos objetivos

4.2 Falando sobre o sujeito em psicanálise

Para falar sobre o conceito de sujeito na psicanálise, citamos Pizutti (2012), que nos diz que o sujeito da psicanálise é um sujeito de linguagem – já apontado por Lacan, autor que parte das construções de Freud, nos apontando para a teoria de que o sujeito deve ser atravessado pela linguagem -que é um elemento oriundo do social - para que possa se formar subjetivamente através da transmissão de significantes. Assim a autora justifica essa passagem pela linguagem quando nos diz: “O sujeito de que trata a Psicanálise é (...) um ser social que se subjetiva por meio de outro da mesma espécie que lhe transmite significantes (p. 7)”. Percebemos aqui, que para que exista uma constituição do sujeito, deve existir um atravessamento do sujeito pela linguagem e para fundamentar nossa assertiva, citamos Elia (2010) que diz:

Para a psicanálise, sobretudo a partir da reelaboração que Lacan empreendeu dos textos freudianos, o sujeito só pode ser concebido a partir do campo da linguagem. Embora Freud não se refira explicitamente a isso, todas as suas elaborações teóricas sobre o inconsciente, nome que delimita

o campo primordial da experiência psicanalítica do sujeito, o estruturam como sistema quer de representações (Vorstellungen), de traços de memória (Erinnerzeichen), de signos de percepção (Wahrnehmungszeichen), que se organizam em condensação e deslocamento. Ora, uma teoria como essa exige, metodologicamente, a referência a uma ordem simbólica, a um sistema de articulação de elementos materiais simbólicos, ou seja, à linguagem". (p. 36)

Pizutti (2012, p. 9) ainda nos fala que sobre esse atravessamento da linguagem, quando a mãe dará elementos da linguagem para dar um lugar à criança: "a mãe, como Outro de linguagem, vai significando um corpo e, ao mesmo tempo, o nomeando, dando um lugar a este pequeno ser no discurso". Podemos então entender, a partir das leituras anteriormente citadas, que o sujeito da psicanálise é o sujeito do inconsciente, o qual se estrutura como linguagem.

Sobre a noção de sujeito em psicanálise, já sabemos que o conceito de sujeito é elaborado por Lacan (ELIA, 2010), no entanto, é importante lembrar (PIZUTTI, 2012) que a noção de inconsciente, criada por Freud, é uma das teses que organizam e constituem o sujeito na psicanálise. Também entendemos que o sujeito da psicanálise é aquilo que a ciência desconsidera (ROUDINESCO, 2000), já que o sujeito da psicanálise é o sujeito do inconsciente. Elia(2010) falará sobre qual sujeito operaremos em psicanálise quando afirma: "Nós, em psicanálise, operamos sobre um sujeito (e não sobre uma pessoa humana, ou um indivíduo, por exemplo), que é o mesmo da ciência, que justamente não opera sobre."(p. 15) nos dando base quando afirmamos que o sujeito da psicanálise é um sujeito desconsiderado pela ciência, o qual não pode ser confundido com uma pessoa ou com um indivíduo, ou mesmo objeto de estudo, como a ciência costuma tomar seus experimentos por exemplo.

Pizutti (2012) ainda diz que para Freud, o inconsciente seria um sistema de conteúdos recalçados banidos para o Isso por ação do crivo do superEu e que não podem ser suportadas pelo Eu. A dinâmica dessas três instâncias seriam o resultado da personalidade. Segundo a autora, essa personalidade em Freud será a base para a criação da definição de sujeito que Lacan irá elaborar mais tarde. Este

sujeito seria uma construção a partir dos significantes que vêm do Outro⁴ –no primeiro momento sendo a mãe ou qualquer pessoa que faça essa função para a criança - que são incorporadas por esse pequeno ser que ainda não pode se comunicar, começando dos significantes que, para que o pequeno bebê seja constituído, o Outro precisaria dar um lugar a este pequeno ser, lugar este que é definido pelo que é dito do mesmo, tendo assim o início da identificação do sujeito com os significantes que partem do mundo externo.

Dando continuidade à leitura de Pizutti(2012) sobre a constituição do sujeito, poderemos incluir a temporalidade nesta quando nos atentamos para o fato de que para que a constituição do sujeito exista, uma marca no aparelho deva se ligar a um significante, entrando em uma cadeia de significantes, dando início ao fluxo que é a linguagem que, por sua vez, dará origem à estrutura ao inconsciente. Castro(2008) também acredita que qualquer função do inconsciente traz em si mesma a marca do tempo, sendo que para que aconteça qualquer operação simbólica, uma passagem de tempo dentro do psiquismo deva acontecer. Segundo Roudinesco, simbólico se trata de um:

Termo extraído da antropologia e empregado como substantivo masculino por Jacques Lacan, a partir de 1936, para designar um sistema de representação baseado na linguagem, isto é, em signos e significações que determinam o sujeito à sua revelia, permitindo-lhe referir-se a ele, consciente e inconscientemente, ao exercer sua faculdade de simbolização”(1998).

Perante isso, a operação simbólica seria como o sujeito organiza seus significantes para que possam fazer algum tipo de simbolização. Se voltarmos ao capítulo anterior, poderemos lembrar em Freud que para que a informação possa ser armazenada no aparelho em forma de linguagem e símbolos, uma passagem de tempo no aparelho será necessária. Esta mesma passagem será necessária para que o sujeito possa passar pelos instantes de ver, tempo para compreender e momento de concluir (LACAN, 1945) sobre sua posição a partir do outro para

⁴ Em seu trabalho, Melman (2008) vai definir Outro: “Lacan muito rápido escreveu Outro – outro com a letra maiúscula - para distingui-lo do parceiro. Trata-se aqui, então, de um lugar que em particular e o lugar da linguagem, situado para além de qualquer pessoa e onde situa o que é anterior ao sujeito e que, entretanto, o determina. É a mãe que ocupa o lugar de primeiro Outro para o sujeito, o que quer dizer que e ela que torna presente para a criança essa cena em que sua subjetividade vai ser constituída por palavras exteriores a ela própria antes que ela se aproprie delas. A mãe, então, empresta seu corpo a ser para a criança e lugar do Outro, que é também o lugar da linguagem, o lugar dos significantes. ” (p. 207)

efetivar um encadeamento de um significante a outro significante estabelecendo assim uma operação simbólica. Lacan chama esses três momentos em que o sujeito define sua posição em relação ao outro de tempo lógico.

4.3 O tempo lógico em Lacan.

Lacan (1945) fala sobre o tempo que é formado por três momentos, o instante de ver, o de compreender e o de concluir. Para que o sujeito possa elaborar qualquer simbolização, qualquer pensamento lógico ou formação de sua subjetividade, ele irá precisar de um semelhante para ver o momento que o outro pausa, de forma que possa definir seu próprio movimento. Para que essa definição de um sujeito com uma construção simbólica aconteça tanto uma passagem de tempo cronológico – o tempo das horas e minutos que existem na física- como uma passagem “tempo de meditação” (LACAN, 1945, p. 205) devam acontecer. O tempo lógico, como antes mencionado serão os momentos necessários para que o sujeito, a partir de um olhar do momento de pausa do outro, poderá se definir em seu próprio movimento, sua construção subjetiva.

Para explicar sobre essa dinâmica da identificação recíproca através de uma percepção do lugar do outro, Lacan(1945) começa a descrever o tempo lógico narrando um sofisma para basear suas assertivas. O sofisma conta sobre três prisioneiros que teriam que descobrir a resposta para um problema de lógica. O problema se daria que somente um deles poderia sair da prisão se descobrisse qual a cor de seu disco -existiam 5 discos, 2 pretos e 3 brancos- e explicasse o motivo. Tendo em vista que todos ficaram parados por alguns instantes, todos saem ao mesmo tempo explicando o motivo da saída: a parada do outro semelhante, o momento de compreender do outro lhe dá a certeza de não ser preto, visto que se fosse preto a dúvida poderia se instalar e o movimento de saída não seria sincronizado.

A partir do sofisma, Lacan vai perceber que aquilo que faz um dos sujeitos escolher - isso pode ser tomado como qualquer sujeito- a sua identidade de branco (ou para nós a sua singularidade) é o momento de parada do outro. Quando existir o momento de olhar os instantes de reflexão do semelhante, o sujeito irá compreender por olhar a suspensão de movimento do outro e concluir quase que imediatamente a partir da pausa do outro. Assim, o momento de olhar será

imediatamente seguido de um momento de compreender o compreender do outro. Sobre isso, o autor(1945) afirma:

Há um certo tempo que se define(...) por seu fim, simultaneamente objetivo e término, que seja, para cada um dos dois brancos, o tempo de compreender, na situação de ver um branco e um preto, que ele detém na inércia de seu semelhante a chave de seu próprio problema. A evidência desse momento supõe a duração de *tempo de meditação* que cada um dos dois brancos tem de constatar um no outro, e que o sujeito manifesta nos termos que liga aos lábios de um e do outro, como se estivesse escritos numa bandeirola: 'se eu fosse preto, ele teria saído sem esperar um instante. Se continua meditando, é porque sou branco.' (p. 205)

Continuando no sofisma, constatamos que após o momento de olhar e compreender acontecerem quase que ao mesmo tempo, pois se olha a compreensão do outro, o tempo de concluir se vem às pressas para que a definição de si possa ser posta. Assim, para que exista uma constituição de uma subjetividade, um momento que não diz necessariamente da cronologia tem de ser posto ao sujeito para olhar o outro elaborar, elaborar sobre si a partir do momento de meditação do outro no instante de olhar e, a partir da pausa do outro, concluir sobre si mesmo.

Dessa maneira, quando nos adentramos no trabalho de Lacan (1945) sobre o tempo lógico, percebemos que a menção sobre uma temporalidade psíquica não é o foco do trabalho, mas sim momentos de ação do sujeito. Neste trabalho, o tempo lógico é dividido em três momentos de movimentação psíquica do sujeito, o momento que o sujeito vê o outro, o momento que elabora sobre a pausa do outro e o momento que o sujeito se precipita a concluir (o sujeito tem pressa de terminar o tempo lógico). Se o tempo lógico não é uma lógica do tempo, poderemos concordar com Porge (1998) quando este afirma que o tempo lógico é uma "lógica de ato"(p. 78) de forma que entendemos que o tempo lógico de Lacan na verdade se mostra como instâncias de tempo em que o sujeito consegue tomar sua posição, a partir do olhar do movimento do outro e ir à uma ação

Desta forma, se Lacan(1945) coloca a necessidade de um momento de parada de cada sujeito e, a partir desta parada, o sujeito tem um tempo de ver, elaborar e concluir, podemos perceber como o funcionamento do psiquismo está mais ligado à própria temporalidade do que à algum tipo de cronologia sendo um ponto de partida para psicanálise entender que a temporalidade no psiquismo depende do tempo de cada sujeito, não das horas e dos minutos.

O tempo lógico será necessário para nossa discussão quando percebemos que uma das formas contemporâneas de viver, uma forma depressiva é uma forma que o sujeito se distancia o máximo possível do tempo de concluir, ficando eternamente na elaboração. Este sujeito será o sujeito em carência de desejo(MELMAN, 2008) de forma que o limite que a finitude coloca para o sujeito não será algo que faz parte do sujeito.

Se não existe limite, também não existe lei, de forma que percebemos que a depressão irá ser umas das consequências da falta de limite que é visível na sociedade em que vivemos.

Outra contribuição para nosso trabalho é quando percebemos que outra forma de viver, a que Chemama(2007) fala de velocidade dos traders, é uma forma a qual o sujeito não se dá mais a oportunidade passar pelo tempo de elaborar, nenhum momento tenha mais significado. Ambas as formas de viver serão mais trabalhadas no capítulo final.

Desta forma, podemos concluir que o tempo lógico de Lacan é um momento que o sujeito usa, a partir do outro, para definir sua posição (em seu texto, Lacan chama de [eu] psicológico) e que o precipita a concluir a partir do que pode ver do outro. O precipitar a concluir é deveras importante para nosso trabalho na medida em que uma das formas contemporânea de vivenciar a realidade é uma das quais não existe fim para o sujeito. O sujeito depressivo não se precipita a concluir, estendendo seu tempo sempre que possível. Falaremos mais sobre essas formas de viver do sujeito no último capítulo.

4.4 Construção de uma subjetividade a partir da temporalidade no sujeito.

Se existe um instante para que o sujeito possa ver, um momento para compreender as informações que recebe sobre o outro e chegar ao momento de concluir, entendemos que para que o sujeito possa constituir sua subjetividade, a passagem de tempo será necessária. Entendemos que a passagem de tempo como um fator que o cria um fluxo psíquico de energia, o qual vai se ligar às palavras e representações formando assim o registro das informações no aparelho, dando assim estrutura ao próprio aparelho psíquico.

Sendo assim, se o tempo é necessário para o sujeito construir uma singularidade, nossa questão irá comparecer quando o sujeito dirá que está sem

tempo. Qual o tempo que o sujeito dispõe em sua vida para formar sua subjetividade, quando é frequente o sujeito dizer que está sem tempo? Quando analisamos essa questão, podemos começar apontando o fato de que o sujeito não se dá a oportunidade de viver o tempo para que suas experiências possam ter o mínimo de significação (CHEMAMA, 2007) e lhe dar uma construção singular (MELMAN, 2008) ou por espontânea vontade ou por imposição social.

Se o sujeito escolhe abrir mão de algo que possa ser sua singularidade, concordamos com Bauman (2001) quando o autor afirma que o sujeito está disposto a abrir mão desta para que o sofrimento de se responsabilizar por seus objetivos seja assumido por alguém que possa lhe dizer o que deve fazer.

No entanto, por mais que o sujeito na sociedade atual escolha deixar sua singularidade de mão para ser aceito no grupo (MELMAN, 2008), poderemos supor que exista um dispositivo que possa evocar essa singularidade a partir de um sujeito que fale do seu próprio lugar e que possa buscar seus próprios objetivos, algo que possa o levar a se responsabilizar pelas suas escolhas, algo que precede o sujeito. O dispositivo usado o qual nos faz um sujeito singular seria a linguagem e para que a linguagem se instale dando início a uma singularidade, seria necessário um marco inicial no aparelho psíquico, um começo psíquico que não pode ser definido em horas e precisão, mas certamente podemos verificá-lo como começo de uma singularidade.

Assim, o começo da subjetividade é o início daquilo que o sujeito pode atribuir a si como começo de sua própria singularidade. Essa a qual escutamos de cada sujeito, no consultório com a psicanálise por exemplo, que faz sua construção subjetiva ser diferente de outro sujeito.

Desta forma, entendemos que a passagem de tempo no fluxo constante do psiquismo é um fator crucial tanto para uma construção de uma singularidade, como para a constituição psíquica, nos levando a nos questionar sobre como o sujeito constrói sua singularidade, levando em conta a situação social que incentiva o sujeito não ter mais tempo para elaborar e bombardeia o sujeito com afazeres que sejam “tamponadores” ao sofrimento de olhar para si próprio. Abordaremos agora como o social irá organizar sua forma de usar o tempo para que possa funcionar.

5. SITUAÇÃO SOCIAL ATUAL: A disponibilidade de tempo para o sujeito.

Para que possamos entender as consequências da dinâmica social atual no sujeito, iremos agora trabalhar sobre a organização social que o sujeito vive. Aqui vamos dar foco em como a sociedade dita sua própria temporalidade, como ela mesma cria seu discurso de como organiza a disponibilidade de tempo para o sujeito.

Mesmo que para a psicanálise o respeito pelo tempo do sujeito seja crucial para qualquer tipo de tratamento que tente escutar o sujeito, a temporalidade psíquica ainda passa por um tempo real, o tempo cronológico. Logo, para pensarmos a construção de uma subjetividade levando em conta momentos em que nos posicionamos de acordo com a posição do outro (Lacan, 1945), precisaremos entender as consequências no sujeito da dinâmica que a sociedade se organiza, foco do próximo capítulo. Para isso, precisaremos analisar a situação social atual em que o sujeito se cresce, esta justamente o local onde esse tempo é vivido, contado e ensinado.

Em primeiro lugar devemos partir do óbvio: a passagem de tempo cronológico se dá para todos os sujeitos da mesma forma. No entanto, devemos nos questionar sobre o que acontece com um sujeito que diz não ter tempo, uma vez que o tempo tem uma medida de passagem universal. Aqui é quando percebemos que o sujeito se diz sem tempo por causa de uma das características da sociedade contemporânea: a velocidade. Essa acaba por tirar o momento de apreciar o instante, acaba por tirar do sujeito a parte do tempo lógico de elaborar. Sem momento de elaborar os instantes o sujeito tem a impressão que o tempo passou sem ele perceber.

Continuando nesta conformidade, entendemos que a situação social atual preza a velocidade, também preza o tempo produtivo a qualquer custo, de forma que os sujeitos fiquem inundados de atividades (BAUMAN, 2007). O gasto de tempo demasiado irá ser uma solução para o sofrimento que é parar e olhar para si mesmo, ao ponto de que o sujeito não mais precise pensar, somente agir de forma automática e sem responsabilidade sobre sua forma de viver singular (BAUMAN,

2007). Nada poderá parar um “sujeito máquina”⁵ criado pelo capitalismo, pois o momento da parada fará com que esse se volte para o buraco dentro de si causador de sofrimento. Roudinesco(2000) nos dá apoio quando diz que a sociedade depressiva transforma homens em objetos.

Para que se afaste do sofrimento, não somente se ocupa a todo custo para que não exista significação (BAUMAN, 2007), o sujeito também é afastado de qualquer significado de seu próprio sofrimento (ROUDINESCO, 2000) quando vai ao psiquiatra e o médico lhe dá um remédio para que o próximo encontro seja mês seguinte para a verificação da interação com o medicamento. O sujeito aqui é calado para que o sintoma não lhe incomode, mais uma vez se afastando de qualquer tipo de significação sobre si que possa lhe dar um pouco de singularidade.

Desta forma, o sujeito irá se ocupar em se manter mais distante possível do desejo, tudo está organizado e a tensão está mínima. Bauman(2007) nos diz que a situação social coloca o sujeito em uma busca constante, interminável e autocentrada, sendo que lhe seja tomada a chance para a reflexão sobre direção e sentido da vida. Aqui podemos entender que o tempo próprio do psiquismo que o sujeito tem para dar algum significado à vida não tem mais um espaço na sociedade atual.

Sobre o comportamento de permanecer no conforto incentivado pela organização social, Melman diz:

[...]É claro que a promoção moderna do conforto, encorajada pela ciência e potencializada pela economia do mercado, é uma defesa diante do desejo, pois é ele que desarruma e cria o maior desconforto. O desejo é esse grande atormentador que não deixa descansar, obriga a trabalhar, a correr, a deslocar, a desobedecer a se esforçar, etc. Em suma, viver (MELMAN2008, p. 60).

Por conseguinte, nem todos conseguem responder ao conforto da velocidade que a sociedade vem oferecendo. O sujeito não consegue responder a essas expectativas de reação rápida que o social demanda (CHEMAMA, 2007) de forma que não consegue assumir o lugar de adequado no grupo (BAUMAN, 2007). O sujeito não conseguirá se adaptar à essa forma de vida de se movimentar a todo

⁵ Tomamos aqui o termo “sujeito máquina” como um sujeito que tem uma programação como fator organizador da própria vida baseado na organização social da modernidade líquida de Bauman(2001) e no homem comportamental de Roudinesco(2000).

custo, de forma que acabe caindo no sofrimento. Esse sofrimento é algo que se tornou o mal do século, a depressão (KEHL, 2015).

Quando falamos em depressão na sociedade, devemos entender que a própria sociedade organiza essas duas formas de viver: uma que deve responder rapidamente a qualquer estímulo e outra que não se adapta. Quando pensamos que a sociedade sustenta a depressão, percebemos que a indústria farmacêutica se empenhará fortemente em acolher os sujeitos em sofrimento e dar soluções as quais os sujeitos sejam mantidos em cativeiro. A sociedade irá mostrar para o sujeito somente os caminhos de rápida remoção da dor, tirando qualquer possibilidade de olhar para um significado de seu sofrimento (ROUDINESCO, 2000). Seu cativeiro será o vício de não sentir dor.

Portanto, como não consegue responder á velocidade da sociedade, na forma de viver depressiva o sujeito acredita que sempre terá o tempo futuro e não acredita na finitude da vida, de qualquer objeto, aspecto ou momento (MELMAN, 2008). Aqui, em oposição à extirpação do tempo de elaborar, iremos ver uma procrastinação do tempo de concluir. O sujeito depressivo será aquele e irá se estender nesse eterno momento de elaborar.

Assim, temos estas duas formas contemporâneas de vivenciar a realidade que nos distanciam do desejo: o sujeito que ocupa seu tempo com tudo o que não diga do seu desejo ou o sujeito depressivo que não se precipita em concluir, logo, sempre delonga o tempo que tem. Se entendemos que o fim é o que causa o desejo (RODRÍGUEZ, 2008), este sujeito que não se precipita a ter fim ou a concluir será o mesmo que Melman (2008) menciona em seu trabalho com carência de desejo, visto que é o desejo é o que faz-nos movimentar, mudar, viver. Desta forma, se não existe movimento, não existirão aspirações à coisas melhores no futuro para o sujeito depressivo, pois se ele nada conclui, nada de novo poderá começar. Momento de concluir para esse sujeito seria um desfecho do passado, o que não acontece na depressão. O sujeito depressivo é aquele que não consegue viver outro tempo que não seja o passado (CHEMAMA, 2007)

A importância de entender essas formas de viver contemporâneas para o nosso trabalho está em podermos analisar as consequências no sujeito destes discursos sociais. Um em que o tempo parece desaparecer para o sujeito, o sujeito se diz sem tempo, não consegue dedicar seu tempo às atividades, pessoas ou relações que podem dizer algo sobre sua singularidade. Um exemplo clássico é o

sujeito que nunca tem tempo para se relacionar, pois trabalha demais. A outra forma de viver em oposição à esta, é uma em que o sujeito irá acreditar que o tempo não passará para ele, este será procrastinador e sempre acreditará que o futuro ou as oportunidades poderão vir novamente em outro momento.

Desta forma, a sociedade moderna preza por essa rápida passagem de tempo, onde o sinônimo de produtividade empresarial é o lucro em prazo menor (Bauman, 2001), tornando a velocidade de consumo o fator organizador das vidas dos sujeitos. Esse consumismo que não se limita a produtos, se torna um significativo para qualquer fator ou objeto que entra na vida dos sujeitos, como relações, pessoas, objetos, animais, tempo, alimentos, bebidas e qualquer coisa que possa ser gasta em pouco tempo. Chemama(2007) diz sobre essa velocidade de consumo:

Dessa forma, o mundo contemporâneo é mundo do computador, no qual as operações se efetuam mais rápido, sem cessar, mas, também, o de uma economia na qual o valor, essencialmente, não pode mais se referir a uma duração; a do tempo necessário a fabricação da mercadoria, ela mesma reunida a uma outra duração diferentemente mais longa, onde se constituiu o capital fixo, aquele da produção dos meios de produção (CHEMAMA, p. 38).

Assim, podemos perceber que o sujeito na sociedade da velocidade não mais dispõe de tempo para atribuir valor as coisas. Se não consegue mais atribuir valor, visto a rápida velocidade da produção, também não poderá mais dar valor ao que perde, uma vez que o valor de cada objeto está diretamente ligado à sua finitude (FREUD, 1915b). Como a ideia de que nada tem fim na nossa sociedade está fortemente difundida, tudo pode ser substituído, reparado ou pode voltar a um estado anterior, o valor de cada objeto acaba sendo algo raro. Desta forma, Chemama(2007) questiona-se sobre o efeito de uma ordem social que traz a velocidade em todos as formas de produção:

Nessas configurações(...) o próprio sujeito não pode mais atribuir valor, em seu trabalho e em sua vida ao duradouro, mas apenas ao que parece responder, no momento, as exigências de uma ordem que ele não pode dominar(CHEMAMA, p. 38).

Quando o sujeito não consegue passar por um momento que possa dar significado à própria vida, acaba por virar um “caçador” (BAUMAN, 2007). Bauman se refere ao caçador como o sujeito que está constantemente correndo atrás de

qualquer coisa que não seja olhar para a própria condição de infelicidade. Ele afirma que:

(Os seres humanos) querem fugir à necessidade de pensar em 'nossa condição infeliz', e assim 'preferimos a caça à captura'. A lebre não vai nos livrar de pensar nas formidáveis, mas incuráveis imperfeições de nossa condição comum, mas caçá-la vai (BAUMAN,2007, p. 111- 112).

Vemos aqui que a caçada é descrita como uma forma de viver a qual a principal característica é a necessidade de estarmos sempre correndo atrás de algo que nos fará feliz, a forma em que nos ocupamos para nos distanciar de nós mesmo. Neste ponto, também podemos ver uma característica já mencionada antes, a velocidade. A caçada será essa forma de vida rápida e interruptiva.

Para o Bauman(2007), a sociedade comporta uma forma de viver que ele chama de “caçador” e que se não vivermos assim, seremos expulsos da sociedade dos caçadores, virando a caça. Ele teoriza sobre os caçadores como uma forma de viver moderna sendo o caçador o sujeito que não se preocupa com o equilíbrio “das coisas” sendo “natural” ou “planejado”, a grande importância da vida do caçador é viver a própria caçada, a aventura e o movimento do aqui e agora.

Com as metáforas de caçador individual sem objetivos maiores na vida que Bauman(2007) descreve em sua obra, poderemos entender que o sujeito acabe se acreditando imortal e umas das razões para que assim se acredite, é o fato de que o sujeito em nossa sociedade vem sendo criado sem acreditar que o tempo é limitado. O fim não existe e o amanhã sempre existirá para esse sujeito, não existirá a última parte do tempo lógico, o momento concluir.

Assim, assumimos então que a sociedade também nos inclina aos pensamentos de tempos sem fim, deixando de ser apenas uma característica do inconsciente (não existe cronologia) para um discurso social que dará ainda mais sustentação a esta forma de viver com a crença da imortalidade. Aqui perceberemos o quanto nossa sociedade torna qualquer objeto sem valor, já que em Freud (1915b) o valor de um objeto⁶ está diretamente ligado à sua finitude. Melman também irá reafirmar sobre o valor que a sociedade dá aos objetos quando diz:

⁶ “Para a psicanálise o termo ‘objeto’ nomeia primeiro, de uma maneira geral, o que é visado ou investido pelo sujeito para estabelecer um laço com o mundo exterior, seja um objeto no sentido corrente do termo ou um outro sujeito” Melman(2008, p. 206)

(Uma normal social perversa) (...)está no princípio das relações sociais, através da forma de se servir do parceiro como um objeto que se descarta quando se avalia que é insuficiente. A sociedade, inevitavelmente, vai ser levada a tratar seus membros desse modo, não apenas no quadro das relações de trabalho, mas em todas as circunstâncias. (MELMAN, 2008, p. 54).

Se não existe limite para os sujeitos da sociedade, os sujeitos caçadores não mais acreditam que existirá um momento melhor, o próprio presente é a realização de todos os sonhos que se deve viver, sua utopia (BAUMAN, 2007). O sujeito sem uma submissão a qualquer tipo de lei ou ordem, vive seu tempo sem desejo que represente o que de fato faz parte do si, aquilo que falta (Melman, 2008). Temos então metaforicamente com Rodríguez (2008), seguindo os exemplos de suas análises sobre os seres imortais, portas abertas para espaços vazios, janelas criadas onde não podem ser alcançadas, uma vida de caminhos que não dão em lugar algum. O desejo se perdeu no sujeito que se acredita não ter finitude.

Novamente, questionamos a existência do desejo, este que nos movimenta (MELMAN, 2008), quando percebemos que o sujeito tenta viver no conforto da repetição daquilo que não diz do sujeito. Lebrum (2008), nos lembra que o desejo é incompatível com o conforto. Já Melman (2008), corrobora com o termo aqui utilizado ao falar de “carência de dimensão subjetiva”, já mencionado nesse trabalho, no qual o sujeito não tem mais qualquer tipo de identidade, referência ou singularidade.

Quando falamos sobre a carência de desejo, mencionamos Rodríguez (2008, p.86) quando este afirma em seu texto sobre os imortais, “A imortalidade deles garantiu a completa, infinita satisfação de todas as possíveis experiências humanas – e como resultados, seu desejo morreu”. Entendemos aqui como a finitude do tempo e o desejo do sujeito estão interligados e sem o desejo, existe a morte da possibilidade de criações vindas de algo que falta ao sujeito.

O autor ainda afirma que “com a morte do desejo, vem a morte da criatividade” (p. 87), nos mostrando como o sujeito diante do tempo infinito, perde a capacidade de criar algo para que saia de um lugar de homeostase, se esforçando persistentemente para que nada seja criado e mudado. É aqui que a relação com a finitude do tempo traz à tona a possibilidade que o sujeito mude de posição. Logo, entendemos que se existe finitude, existe desejo.

Sendo assim, se a sociedade nos distancia o máximo daquilo que mais fala de nós mesmo, a subjetividade, a dor ou o sintoma, não temos espaço para a fala. Desta forma, não temos mais espaço para sermos sujeitos com um espaço de fala que nos seja singular, nos tornando o objeto da ciência (ROUDINESCO, 2000) que somente recebe instruções para viver (BAUMAN, 2001). Não nos voltamos mais às questões referentes ao sujeito da psicanálise, sujeito do inconsciente.

Sendo assim, podemos analisar o quanto o sujeito se encontra de frente ao sofrimento quando o seu movimento, junto à organização social, faz com que este possa se encontrar com a realidade finita das coisas. O sofrimento acontece justamente por essa contradição onde o sujeito é guiado para uma vida na condição de imortal e se depara com a finitude das coisas. Por não ter aparatos psíquicos para lidar com essa contradição, podemos ver um sujeito que não aceita a finitude de qualquer aspecto na sua vida, já que acaba assumindo como sua identidade aquilo que construiu com o tempo (MELMAN, 2008). Se aquilo que o sujeito assumiu como sua identidade chega ao fim, talvez possamos indagar sobre uma morte do sujeito em tais condições.

Logo, após descrever tais funcionamentos da sociedade, encaminhamos para a maior questão. Quais as consequências de tais funcionamentos na vida e na constituição do sujeito e/ou de sua singularidade?

6. DISPONIBILIDADE DE TEMPO E DISCURSOS NORMATIZADOTES: Consequências no sujeito.

Partindo do que foi estudado anteriormente, poderemos discutir quais as consequências da dinâmica social contemporânea - dando foco na disponibilidade de tempo e no discurso que ensina o sujeito a viver seu tempo - no sujeito. Já vimos que o “sujeito máquina” (p. 26) vive de forma normativa (ROUDINESCO, 2000). A forma de viver não nos parece ser de possibilidades de escolha individuais, mas uma forma de organização incentivada e mantida até mesmo pelos sistemas socioeconômicos, como o próprio capitalismo (BAUMAN, 2001). O sujeito irá tentar se adequar a um silêncio de si mesmo, o que o fará se distanciar de seu sofrimento temporariamente, tamponando-a com qualquer possibilidade de alívio que estiver disponível. Lebrun (2004) nos diz que o discurso científico faz a verdade singular ser apagada tirando do sujeito o lugar de fala.

Sendo assim, para que possamos debater sobre as consequências na vida do sujeito de como a sociedade organiza sua própria temporalidade, devemos assumir que para que uma organização social exista, um discurso (ou vários) - de objetivo normativo - deve ser criado. Poderemos então observar que o discurso vigente atualmente é o discurso científico positivista, que tenta abranger tanto o corpo biológico como a esfera psíquica dando número e tabelas a tudo aquilo que remeta tanto ao biológico, como psíquico. No discurso científico positivista teremos a mensuração de qualquer forma de variável, de forma que o sujeito será visto pela ciência como objeto (ROUDINESCO, 2000).

Quando qualquer variável é mensurável, o tempo que o sujeito dispõe também o será, de forma que a sociedade continuará suas demandas baseadas na contagem do tempo cronológico que o sujeito usa para realizar qualquer atividade. Aqui, poderemos perceber que a sociedade corre para caminhos em que um tempo próprio do sujeito, um tempo psíquico, não será mais uma possibilidade para o sujeito de elaboração, não dando mais a oportunidade do sujeito de dar um significado mínimo ao que passa diante dos seus olhos (BAUMAN, 2007). Sobre isso Khel (2015): “ o projeto pseudocientífico de subtrair o sujeito – sujeito de desejo, de conflito, de dor, de falta – a fim de proporcionar ao cliente uma vida sem perturbações acaba por produzir justamente o contrário: vidas vazias de sentido, de criatividade e de valor”.

Podemos então apontar uma das consequências da dinâmica da falta de tempo para o sujeito. Os sujeitos serão totalmente empurrados para longe daquilo que possa lhes dar singularidade por sucumbirem às pressões sociais que não lhes permitirão ter um tempo de parada, o tempo de olhar a pausa do semelhante (LACAN, 1945) e, diante disso, estabelecer a própria posição baseada em uma referência que o direcione. Suas vidas serão vazias e sem sentido (KHEL, 2015).

Para que continuemos a discorrer sobre as consequências de falta de tempo, devemos voltar ao ponto antes posto sobre como a sociedade dita as regras de como o tempo deve ser vivido.

Para alguns autores da psicanálise, como Melman (2008), Chemama (2007), Lebrum (2004), Khel (2015), percebe-se que onde o discurso da ciência fala, o sujeito do inconsciente se cala. Mesmo com o sujeito do inconsciente calado, a pessoa não escapa daquilo que lhe falta, aquela parte inconsciente que não tem acesso, aquilo que se manifesta sem o consentimento da consciência. Melman(2008) diz que essas manifestações foram primeiramente ouvidas por Freud quando diz: “Freud se aceitou ouvir os ‘ruídos’ que os suspiros do desejo sufocado vinham fazer campo na realidade”(p. 173). Desta forma, estas manifestações inconscientes, ou “ruídos”, irão trazer o sofrimento de algo mais profundo do sujeito, no entanto, tais ruídos não poderão ser admitidos pela ciência positiva, já que aquilo não se pode mensurar objetivamente na ciência positiva, não tem validade.

Sendo assim, o sujeito -que tem suas manifestações inconscientes deixadas de lado- começa a ser guiado socialmente para uma satisfação ilimitada, não dando mais tanta importância para a manutenção da própria vida, sendo que tudo o que a sociedade estimula é em extremo exagero (MELMAN, 2008). Melman(2008) nos alerta para como estimular a falta de limites vem se tornando a norma e que a resolução do mal-estar de cada um é um direcionamento a transformar essa falta de limites em cura para a neurose. Neste momento, o autor explicará que a falta de lei, limites e finitude se transformará no conforto para o sofrimento e desespero que a neurose traz. É nesse mundo sem finitude ou limites que a medicina, por exemplo, procura uma forma de estender a vida ao máximo possível, vendendo um discurso de imortalidade dando ao sujeito - desesperado pela visão do fim- uma ilusão reconfortante de que o fim estará longe.

Sendo assim, já que a falta de limites tem se tornado um discurso social aceito, o sujeito acaba vivendo onde os antigos referenciais tradicionais, família,

igreja, estado, já não são mais suas bases para saber para onde deve se direcionar. Eram esses limites, como a igreja por exemplo, que nos deixavam desejar dentro de um lugar mais seguro para direcionar a própria vida(MELMAN, 2008).

Todavia, o sujeito não tem uma direção para que possa identificar sua própria singularidade a partir de uma ordem que o limite parece estar perdido na própria vida, sem que o Outro possa perguntar: "O que ele quer de mim?". Se tudo é permitido, o desejo do outro será qualquer coisa, ao mesmo tempo que será nada. Assim, os sujeitos à mercê do discurso do "tudo pode" estarão em vias de nunca deixar seu desejo fazer parte da sua vida.

Uma das causas dessa sociedade do "tudo pode" é a falta de submissão à castração. Com a estrutura familiar tradicional em que o pai era símbolo da lei, o sujeito passava pela castração e pela autoridade do pai de forma que o sujeito seja interditado em algum momento. Se existe um limite para o sujeito quando é interditado, o sujeito pode se colocar em uma posição que seu desejo possa ser incluído em sua vida. Conseqüentemente, entendemos que a interdição que o sujeito sofre dentro do núcleo familiar é uma das formas que o sujeito pode começar a desejar.

Lebrun também articula a importância da família na constituição do sujeito quando fala sobre a estrutura que antes preparava o sujeito para o social e que o dava referência:

A família sempre foi o caldeirão da vida social, o lugar onde se preparava para o futuro sujeito o acesso à sociedade de que fazia parte no seio dessa família, que, então nunca foi somente privada, mas desde sempre estreitamente articulada com o social, o papel do pai era de representar a autoridade - idêntica àquela do topo da pirâmide social - e encarnar a figura da exceção pela qual transmitia a legitimidade na continuidade temporal (LEBRUN,2004, p. 14).

Logo, concordamos com o Lebrun (2004), quando este afirma que a perda do referencial familiar tradicional, tanto do papel que o pai - como do próprio saber- será a origem de vários problemas sociais contemporâneos, incluindo a perda de sustentação para a criação de uma alteridade mesmo sabendo que a singularidade é algo que o sujeito da contemporaneidade foge a todo custo para ser aceito na sociedade (MELMAN, 2008).

Portanto, a família é uma das vias que possibilita a entrada do sujeito na "ordem humana" (ELIA, 2010, p. 38), a organização social. Elia (2010) fala como a família da base para uma constituição do sujeito quando afirma:

É por esse viés que a teoria psicanalítica do sujeito e de sua constituição se articula interna e necessariamente com as categorias — estas sociológicas — de sociedade e de família: o ser humano entra em uma ordem que é social, e cuja unidade celular e básica, que se organiza como a porta de entrada nesta ordem, se chama família, pelo menos nas sociedades modernas.(p. 38).

É então que percebemos o quão distante ficamos daquilo que realmente nos constitui, daquilo que fala nós; daquele destino que construímos pelo que nos é dito pelo nosso próprio sujeito.

Assim, nossos discursos sociais são focados em dados empíricos e objetivos, sem margem para a dúvida, questão ou algum ponto de incerteza. A normatização positiva irá nos orientar para uma produção em massa de sujeitos não mais singulares, mas sujeitos adeptos às ordens normativas da sociedade, para que não haja mais espaço para a diferença. Roudinesco (2000, p.14) comenta que o sujeito “se toma por um senhor de um destino cuja a significação reduz a uma reivindicação normativa” nos mostrando que o sujeito vai entrar na norma assimilando-a como seu destino e vai deixar que seja liderado por outro(BAUMAN, 2001), de forma que a singularidade ou diferença do discurso do outro lhe seja ameaçador por ser diferente(CHEMAMA, 2007). Reafirmamos aqui a dificuldade de manter ou criar qualquer tipo de singularidade e permanecer em um grupo de seres humanos.

Esta situação em que sujeito não consegue mais construir uma singularidade nos mostra o quanto o trabalho da psicanálise deve ser intenso. A sociedade se encontra justamente numa situação em que a diferença é insuportável ao ponto de ser atacada. Assumir sua singularidade no meio social hoje em dia pode ser algo deveras desafiador. Chemama (2007), sobre essa aversão à diferença, diz: “Atualmente temos a tendência de apagar todas as disparidades(...)” e que “esse processo que homogeneíza todas as posições da estrutura social poderia desencaminhar o sujeito” (p. 46-47). Temos então, uma aversão à diferença maior e mais nítida do que tempos passados, não nos dando mais a possibilidade de escolha ou preferência sem que uma guerra pelo espaço seja travada, em vez de uma defesa pela própria singularidade. Para nos basear sobre a luta pelo estado unificado da ordem social, o autor ainda nos dará suporte afirmando que essa rejeição à mudança é algo partilhado por todos (CHEMAMA, 2007).

Com este compartilhamento da aversão à mudança, podemos entender então que nossa sociedade se vê organizada por uma repetição de ações consideradas adequadas ao social. Percebendo esse fator na sociedade, verificamos o quanto a sociedade tem mantido uma forma de viver depressiva, visto que uma das características do depressivo é o apego à repetição em si (CHEMAMA, 2007). Desta forma, poderemos afirmar, de acordo com nossos estudos, que estamos vivendo em uma sociedade com um discurso com características depressivas, amante da repetição e aversiva às mudanças (CHEMAMA, 2007).

O sujeito envolto discurso com características depressivas da sociedade não possui mais um referencial simbólico para constituir sua singularidade, visto que nossa sociedade perdeu padrões que direcionavam vida, papel exercido pelo padrão familiar tradicional (LEBRUN, 2004). A função de pai se encontra mau instaurada nos sujeitos da contemporaneidade. Com a função de lei não instaurada efetivamente no sujeito, este vai perder seus referenciais para que possa construir sua singularidade partindo de alguém que possa lhe ser um referencial e partirá para uma construção de sua singularidade usando a pluralidade de padrões oferecidos pela sociedade. Roudinesco (2000) irá nos dar base quando diz que o sujeito ficará perdido em tantas opções que a sociedade nos oferecerá.

No entanto, mesmo sem um referencial para seguir em frente, o sujeito precisa dar continuidade à vida. Chemama (2007) nos alertará pra a solução encontrada nessas configurações sociais: O sujeito se dobrará em uma inatividade depressiva. A sociedade depressiva será aqui aquela que se prenderá de tal forma ao passado que a perspectiva de um futuro satisfatório não será possível. Este passado será vivido constantemente como se fosse presente, sendo o único o tempo possível para esse sujeito em sofrimento subjetivo.

A partir do trabalho de Chemama (2007), usaremos a depressão como um estado de sofrimento extremo em que o sujeito irá se prender ao passado de forma que seu movimento está limitado à uma prisão de um tempo circular em seu aparelho psíquico, ele vivenciará todos os momentos passados de sofrimento como se fossem experiências que acontecessem em seu presente sem poder sair dessa repetição e sem que esse sujeito consiga se encaixar no funcionamento da temporalidade na contemporaneidade. A sociedade não dará tempo ao sujeito que ficou preso ao passado, intensificando a dissimetria entre o tempo próprio

necessário para uma possibilidade de tratamento de uma depressão, com a psicanálise por exemplo, e as demandas sociais da velocidade das informações.

Com as demandas de uma sociedade depressiva, o homem moderno “busca desesperadamente vencer o vazio do seu desejo” (ROUDINESCO, 2000, p. 13), no entanto, sem sucesso. Não consegue se direcionar à fonte de seu sofrimento: o vazio inesgotável que o constitui. Khel (2015) vai mais adiante dizendo que a diminuição da importância do desejo irá desvalorizar a própria vida.

Roudinesco (2000) também diz que distante estamos de nossas formações inconscientes em uma sociedade que está excluindo a singularidade do sujeito, nos levando a pensar sobre um “homem massa”, o qual seria aquele que, para ser incluído na sociedade, é moldado como uma cópia de um modelo aceito. Este deve deixar sua singularidade, conseqüentemente sua subjetividade, para ser aceito no grupo. O caçador de Bauman (2007), citado anteriormente, também partilha do abandono de sua singularidade, já que se o caçador não entrar na corrente que leva à posição de caçador, é deixado de lado, virando a caça de forma que, ou o sujeito se torna parte do fluxo social que conduz a humanidade, ou fica desprotegido dos outros caçadores.

Desta a forma, depressão se tornou um “enfraquecimento da personalidade” (ROUDINESCO 2000, p.19). Percebemos então, que o enfraquecimento da singularidade do sujeito o torna vulnerável à qualquer atividade que o deixe longe do sofrimento psíquico, sofrimento este que se torna maior conforme a vida passa. Aqui começaremos a notar que o sujeito desesperado se depara com as manifestações inconscientes que o faz parar por um momento e olhar para si, de forma que um discurso social oferecerá soluções “tamponadoras” a esse aflição: Remédios, culto à beleza física, uso de substâncias, trabalho excessivo, jogos, de forma que nossa liberdade como sujeitos se esvaia nas mãos de outros. Viramos escravos daquilo que nos afasta ao máximo do nosso desejo, este que diz de algo único e mais profundo de cada um. Tais discurso sociais acabam por não dando mais o direito do sujeito de ser sentir mal, bombardeando-o com essas soluções a cada lagrima que cai. Khel(2015) ainda afirma que a sociedade não mais aceita que o sujeito sinta sua dor, tornando um escândalo qualquer uma vida pontuada por riscos.

É a partir deste sujeito, o qual sofre essa tentativa de amputarem seu desejo, é que viramos escravos do que é dito pelo outro (BAUMAN, 2001), deixamos

o controle de nossas vidas para outro, para justamente viver com aquilo que nos é deixado disponível pelo outro. Sobre nosso desejo Melman (2008) vai nos dizer que “o sujeito não é responsável (sobre seu desejo), na medida em que sua determinação subjetiva não se origina mais no que seria uma aventura singular, numa escolha singular, mas numa participação na histeria coletiva” (p. 65). Esta afirmação corrobora com nosso pensamento quando defendemos o sujeito terá dificuldade em escolher algo que possa assumir com sendo seu, algo singular, visto que a sociedade - por não permitir que algo lhe falta ou que algo lhe parece ser triste - irá tentar preencher o vazio com qualquer coisa que possa tapar o buraco existencial desses sujeitos.

Se nós visamos uma responsabilidade pelo próprio desejo ou pelo menos, uma fala que possa dar notícias de um ser desejante, como um sujeito pode se formar como sujeito de responsabilidade por suas atitudes, se para que o sujeito possa ser aceito na sociedade, os traços de singularidade devem deixar de existir? Estamos então assim vivendo uma situação social a qual ataca a partes do sujeito onde ele possa ser singular e defender essa posição, e sobre isso, Melman afirma que:

Em que cada um reconhece que o outro está preso em uma situação em que não pode fazer de modo diferente do que faz, ou dizer coisa diferente do que diz, que não há escolha como sujeito. Mas, nessa época em que vivemos, mais e mais seguidamente o sujeito não é reconhecido (...). Então, a violência sobrevém incessantemente, por tudo e por nada. Uma espécie de violência que se tornou um modo banal de relação social (MELMAN,2008, p. 69).

Aqui, percebemos que o sujeito tem passado por uma criação a qual aprende a deixar a responsabilidade da própria vida na mão dos outros, não apenas momentaneamente como é necessário a todo ser humano, mas os sujeitos vivem com outras pessoas pagando o preço de suas existências. Isto acontece justamente por estarem faltando possibilidades viabilizadas pela sociedade que condizem com um sujeito desejante. O sujeito desejante é aquele que paga o preço por aquilo que deve buscar em seu desejo e sobre esta ideia, Lebrum(2008) nos dá suporte quando diz que isso nos mostra que para o sujeito não há mais possibilidade de ser sujeito. Sujeito este que acaba por escolher não escolher, visto que toda escolha estará nas mãos dos outros.

Um ponto a ser ponderado sobre a falta de possibilidade de se assumir como sujeitos da própria vida seria o fato de que os seres humanos não

conseguirem mais dispor do tempo de serem sujeitos graças à velocidade das informações que são passadas e transformadas de uma forma muito instável (Bauman, 2007). Em entrevista a Marcelo Lins, Bauman (2016) aponta as dificuldades dos seres humanos conseguirem reter informação em uma sociedade cheia de velocidade, sendo que a possibilidade de absorver e processar informação é uma forma de criar sabedoria e ter como saber como prosseguir. O autor diz que é exatamente este o problema do futuro, não sabemos mais como prosseguir.

Assim, como Bauman (2007) indica, o ser humano agora se preocupa em passar o tempo da forma mais rápida e eficaz, de forma que essa “caçada” por objetivos seja na verdade aquilo que a sociedade conseguiu usar de artimanha para que possam sair do sofrimento de se olhar no espelho e ver que algo falta no reflexo de si mesmo.

Uma das consequências da exacerbada demanda de tempo que a sociedade impõe na vida que o sujeito, inibindo-o de construir sua singularidade, começa justamente pelo desencontro do sujeito com o mundo que vivemos e a demandas sociais. O mundo real - aquele que todos nós vivemos e se move a cada dia, que acontece independente do sujeito participar dele ou não - demanda trabalho, esforço, dedicação, produção em pouco tempo. Chemama (2007) fala que o sujeito tem de estar disponível todo o tempo para a empresa, de forma que seja mais um fator para que o sujeito viva esse imediatismo. Viver esses aspectos que a esse mundo real demanda, sem que possa ocupar um lugar na própria fala faz com que a identidade dos indivíduos seja o próprio uso do tempo. O sujeito se identifica como sendo o trabalho que ele tem.

Outro ponto sobre identificação de um lugar de fala é apontado por Melman (2008) quando este nos alerta para algo não mais raro na clínica com a psicanálise: os sujeitos que não saem mais da adolescência justamente por não terem sido criados para dar algo à sociedade. O sistema de trocas dos seres humanos não se estabelece na subjetividade do sujeito. O autor vai comentar sobre uma paciente que passa o dia todo em ócio, de forma que sua existência não tenha significado. Essa forma de viver, faz com que o sujeito simplesmente não identifique o tempo presente como finito, o passar das horas não significa mais que eventualmente algo possa morrer ou mesmo mudar. Poderemos notar que a pressa do tempo lógico de concluir não se instaurará no sujeito.

Contudo, tudo tem fim. Aparentemente o sujeito da contemporaneidade não quer mais ser sujeito na própria vida, prefere que o acaso, o destino, um fluxo ou um semelhante simplesmente decida como deve viver se ausentando da responsabilidade de suas escolhas. Melman (2008) afirma que o sujeito tenta ser aceito na sociedade e aparentemente buscando sua identidade no olhar do outro, de forma que só poderá ter validade pelo efeito de massa. Vemos a sociedade com essas características perversa: sociedade sem limites, sem lei, sem algo que defina o tempo como limitado.

Não se dando à oportunidade de passar pelo tempo lógico de elaborar, o tempo se esvaece de sua vida silenciosamente, sem que o sujeito perceba. Este tempo que está sendo atropelado e consumido, acaba não significando algo ou mesmo existindo um tempo para emoções que marquem o momento, o que provoca mais um problema para a vida social: a falta de tempo para construção dos laços sociais.

Nossos sujeitos sociais estão cada vez mais afastados, já que como Lebrun (2004) nos diz, as famílias não estão mais estruturadas sobre uma base, estão se esfacelando. Como a família seria a primeira unidade social do sujeito, o preparando para a inclusão na sociedade, o sujeito tem dificuldades em aprender como se conectar a outros sujeitos (Lebrun, 2004). Pais que não exercem mais a autoridade, crianças com conexões afetivas frágeis com seus parentes, parecem ser a causa da despreparação do sujeito para a inclusão social.

Sem que possamos criar laços sociais, não poderemos parar para olhar o movimento (ou pausa) do outro em um determinado momento para que possamos definir nossa identidade. Isto posto, mais uma vez mostramos a maior das consequências da demanda de tempo que a sociedade pede ao sujeito, a perda da singularidade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração nossos estudos, agora poderemos fazer algumas inferências assim como trazer outros questionamentos. Sobre a constituição do sujeito, entendemos que a passagem de tempo é um fator crucial para que exista uma constituição de sujeito. Como vimos anteriormente, a temporalidade é algo que constrói o próprio aparelho, de forma que ela é necessária inclusive para que possamos armazenar informações. Após essa temporalidade ter um ponto de partida, a memória, o sujeito poderão assim começar a receber estímulos do mundo externo e construir uma singularidade. Essa singularidade será construída de acordo com o tempo que o sujeito dispõe para passar pelo tempo de elaborar a partir do que consegue ver do outro.

Outro ponto que chegamos a partir das leituras previamente citadas, é que a sociedade tem apresentado duas facetas paralelas, a da sociedade com características depressiva e da sociedade caçadora. Em ambas notamos a falta de uma referência a um lugar de autoridade (MELMAN, 2008) - ou mesmo de um ponto de partida, onde o sujeito tem de onde partir e para onde ir (BAUMAN 2016). Isso faz com que o sujeito se torne um ser sem uma base para a uma construção de uma singularidade ou mesmo de um significado para a própria vida. A construção da singularidade fica manca, já que sem bordas, sem limites, não existirá um cerco para definir o que é singular ao sujeito. Sem essas limitações que o "papel de pai"(LEBRUN, 2004, p. 14) costumava impor nos padrões mais tradicionais de família, não existe delineamento, fazendo que estejamos vivendo em um momento que o sujeito se encontre no sofrimento que não pode falar de seu lugar singular (MELMAN, 2008)

Junto à falta de limites, o sujeito contemporâneo não usa mais seu tempo para parar e elaborar a partir do olhar do momento do outro, logo, poderemos perceber que existirão duas situações que se encarregarão de manter o sujeito longe de sua singularidade, a falta de limites e a demanda social do tempo.

Contrapondo a falta de limite - que desencadeia num discurso sobre a falta de finitude ou de morte- entendemos que se existe finitude, existe desejo. Aqui, os estudos de Freud e de outros psicanalistas nos mostra como a finitude nos faz desejar algo, mesmo que essa noção de desejo seja elaborada por Lacan posteriormente. Podemos perceber que a sociedade está se organizando de forma

que cria sujeitos com “carência” (MELMAN, 2008) de desejo- ou com afastamento do mesmo- quando percebemos que a relação com a passagem do tempo está ficando cada vez mais abandonada.

Outra percepção sobre esta organização social é que a mesma também nos afasta do desejo quando o avanço tecnológico tenta prolongar nossa vida ao máximo possível, nos afastando da finitude que causa o desejo. Logo, o presente é virtual, visto que não é mais um momento para o sujeito elaborar e dá um significado à própria vida.

Em Rodríguez (2008, p. 84) vemos que “A imortalidade deles [dos seres imortais mencionados em seu artigo] garantiu a completa, infinita satisfação todas as possíveis experiências humanas – e como resultados, seu desejo morreu” nos mostrando o quanto o aspecto finito das coisas nos permite almejar e dar valor a algo, nos dando a possibilidade de nos direcionar para um caminho que nos seja singular. Pode-se perceber junto a Bauman (2007), o quanto o sujeito está se direcionando à vida dos imortais ou simplesmente viver para sempre. Uma das razões que podemos refletir sobre a cobiçada imortalidade é o fato de que se o sujeito cresce sem acreditar que o tempo é limitado ou que existam objetivos, não existe motivo para viver presente como sujeito que aspira por algo diferente do que já tem, pois acredita que o futuro sempre existirá.

Também percebemos que essa falta de limites está totalmente ligada ao papel do pai, representante da lei, na constituição da família (LEBRUM, 2004, p. 14). Este ponto é discorrido por vários analistas que estudam efeitos sociais, o que nos faz perguntar sobre a importância do papel do pai- ou de sua destituição- no que tange à organização social. Por não ser o objetivo deste trabalho, não avançaremos neste ponto aqui, mas esta questão foi aberta nestes estudos e deverá ser continuada em outro trabalho.

Assim, podemos notar duas formas de viver contemporâneas: o do “sujeito máquina” e do sujeito depressivo. O sujeito máquina será como o caçador de Bauman (2007), será um sujeito que irá extirpar de sua vida o momento do tempo lógico de elaborar. Passará a vida a usar o seu tempo desenfreadamente ao ponto de não mais conseguir dar tempo a nada que possa lhe dar uma singularidade. Ele pulará do tempo de ver para o tempo de concluir. O sujeito depressivo será o que delongará o momento de elaborar sem que tenha pressa de chegar ao tempo de concluir. Será um sujeito que não acredita que seu tempo tem fim. Por se deter

eternamente no momento de elaborar em quaisquer aspectos de sua vida, não poderá dar continuidade à novas experiências afastando possibilidades de mudança, criação ou mesmo se destituindo do próprio desejo.

Com uma sociedade criadora de sujeitos em carência de desejo, o sujeito é atormentado pela forma de como a sociedade transmite em seus discursos suas demandas acerca da forma de usar o tempo para viver. Nessa imensa velocidade o sujeito acaba por permanecer em uma tentativa constante de permanecer no conforto. O conforto aqui, será a forma de acalantar o sofrimento de diversos fatores mencionados. É aqui que a relação com o tempo traz à tona a possibilidade do sujeito mudar de posição. Se o sujeito consegue usar seu tempo para falar de uma posição que diga de uma singularidade, este pode sair do conforto e ir em direção ao seu desejo, dando um mínimo de significado para sua vida. É o momento que o sujeito pode parar nessa sociedade de velocidade e olhar para si mesmo.

Concluindo, poderemos afirmar que a forma de como o sujeito vive seu tempo, a temporalidade que existe no psiquismo, a forma como o social organiza e dispõe o tempo que o sujeito deve viver, são fatores que constituem o sujeito em sua singularidade. No entanto, vemos um sujeito deve lidar com a demanda social de seu tempo para a produção o que acarreta a impossibilidade de respeito ao próprio tempo do sujeito. Desta forma, o sujeito não consegue mais dar o mínimo de significado à sua vida por ter que se adaptar e se submeter às demandas sociais que clamam por seu tempo. Assim, notamos que a sociedade tem se empenhado em criar sujeitos depressivos, quer em via de lhe tirar o tempo, quer em via de lhe existir um tempo que o sujeito não consegue acompanhar.

8. REFERÊNCIAS

ANDRÉ, J. (2008). **O Acontecimento e a Temporalidade – O Après coup no Tratamento**. In: Psicanálise e Cultura. São Paulo, n.31 (47).

ALMEIDA, Leonardo Pinto de; ATALLAH, Raul Marcel Filgueiras. **O conceito de repetição e sua importância para a teoria psicanalítica**. *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 203-218, Dec. 2008. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151614982008000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 05/09/2017

BARROS, José D'Assunção. **O Tempo dos Historiadores**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRANDÃO JR., Pedro Moacyr Chagas, RAMOS, Patrício Lemos. Abuso sexual: do que se trata? Contribuições da Psicanálise à escuta do sujeito. **Revista de Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, vol. 22, p. 71-84, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v22n1/a05v22n1.pdf>. Acesso: 01/09/2016.

CASTRO, Júlio Eduardo de. A PSICANÁLISE E O TEMPO. **Psicanálise & Barroco em Revista** v.6, n.3: 60-74, jul. 2008. Disponível em: <<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista/revista-v-06-n-01>> Acesso: 02/09/2017

Cpfl Café Filosófico. **Zygmunt Bauman: estratégias para vida**. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lyhOBYoBnsU>>. Data do acesso 25/03/2018.

CHAMAMA, Roland. **Depressão, a grande neurose contemporânea**. Porto Alegre: CMC, 2007.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. 3. ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.. 2010 (Psicanálise passo-a-passo;50).

FERRARINI, Pâmela Pitágoras Freitas Lima; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. O CONCEITO DE MEMÓRIA NA OBRA FREUDIANA: breves explanações. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 5, n. 1, p. 109-118, jun. 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/16706>> Acesso: 08/10/2017

FINGERMANN, Dominique. **O tempo na experiência da psicanálise**. REVISTA USP, São Paulo, n.81, p. 58-71, março/maio 2009

FREUD, Sigmund. (1895a). **Projeto para uma psicologia científica**. In Obras Completas. Ed. Standard Brasileira, vol. I, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

_____. (1895b). **Estudos sobre a histeria**. In Obras Completas. Ed. Standard Brasileira, vol. II, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

_____. (1930[1929]). **O Mal Estar na Civilização**. In Obras Completas. Ed. Standard Brasileira, vol. XXI, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

_____. (1912a). **A dinâmica da transferência**. In Obras completas. Ed. Standard Brasileira, vol. XII, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

_____. (1912b). **Repetir recordar e elaborar**. In Obras completas. Ed. Standard Brasileira, vol. XII, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

_____. (1915a). **O Inconsciente**. In Obras Completas. Ed. Standard Brasileira, vol. XIV, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

_____. (1915b). **Sobre a transitoriedade**. in Obras Completas. Ed. Standard Brasileira, vol. XIV, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

_____. (1915c). **O Recalque**. In Escritos sobre a psicologia do inconsciente. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004

_____. (1920). **Além do princípio do prazer**. In Obras Completas. Ed. Standard Brasileira, vol. XVIII, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

_____. (1924). **A dissolução do complexo de Édipo**. In Obras Completas. Ed. Standard Brasileira, vol. XIX, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

GARCIA-ROZA, L.A. (1984). **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 2009.

GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. v. 2.

JERUSALINSKY, Julieta. **A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo**. São Paulo, 2009.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. 2 Ed., [4 reimpr.]. São Paulo: Boitempo, 2015.

LACAN, J. (1945) **O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada**. In Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____ (1945). **Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano**, In: Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____ (1959-1960). **O seminário, livro 7: A ética da psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LEÃO, Lourdes Meireles. **Metodologia do estudo e pesquisa**: facilitando a vida dos estudantes, professores e pesquisadores. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LEBRUN, Jean-Pierre. **Um mundo sem limite**: ensaio para uma clínica psicanalítica do social. Trad.: Sandra Regina Felgueiras. Editor: José Nazar.- Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

LINS, Marcelo. Globo News: Programa Milênio. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7P1MAZXFVG0>. 2016

MELMAN, Charles. **O homem sem gravidade**: gozar a qualquer preço. Entrevistas por Jean-Pierre Lebrun. Trad.: Sandra Regina Felgueiras.- Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

MIJOLLA, A. DE. **Dicionário Internacional da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

OLIVEIRA, Sandra Maria Espinha. "O que é que tem um corpo e não existe? Resposta- O grande Outro". **Almanaque On-line Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais**, vol.11, Julho a Dezembro de 2012. Disponível em: <http://almanaquepsicanalise.com.br/#/Home> Acesso em: 01/09/2016.

PIZUTTI, Jaqueline Machado. **A Constituição do Sujeito na Psicanálise**. Monografia (curso de Psicologia) – Universidade Regional do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul. UNIJUI. Rio Grande do Sul, 2012, 30 p. Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/1218/Jaqueline%20Pizutti%20monografia.pdf?sequence=1>. Acesso em: 01/09/2016.

PORGE, Erick. **Psicanálise e o Tempo**: o tempo lógico de Lacan. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

RODRÍGUEZ, Leonardo S.. Immortality. In **V ENCONTRO INTERNACIONAL DOS FÓRUMS-ESCOLA DE PSICANÁLISE DOS FÓRUMS DO CAMPO LACAIANO 2**, 2007, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2008, p.84-87. Disponível em <http://www.campopsicanalitico.com.br/media/1082/heteridade-7-os-tempos-do-sujeito-do-inconsciente.pdf> Acesso em 19/08/2016.

ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SILVA, Fábio Henrique Monteiro da. Narrar o passado, pensar no presente: fazer a História. **Ciências Humanas em Revista**. São Luís, V.6 , n.1, Julho 2008.

TOREZAN, Zélia C. Facci; AGUIAR, Fernando. O Sujeito da Psicanálise: Particularidades na Contemporaneidade. **Revista Mal-Estar e Subjetividade** - Fortaleza- Vol. XI- Nº 2-p. 525-554-junh/2011.